# O olhar do escritor e o do analista sobre o texto

*Luiz Romero*
*UFMG*

**1.** Machado de Assis, em "A nova geração", texto crítico de 1879, alerta aos jovens poetas sobre o diálogo com as novas ciências:

> [...] não há poeta digno desse nome que não converse um pouco, ao menos, com os naturalistas e filósofos modernos. Devem, todavia, acautelar-se de um mal: o pedantismo. Geralmente, a mocidade, sobretudo a mocidade de um tempo de renovação científica e literária, não tem outra preocupação mais do que mostrar às outras gentes que há uma porção de coisa que estas ignoram; e daí vem que os nomes ainda frescos na memória, a terminologia apanhada pela rama, são logo transferidos para o papel, e quanto mais crespos forem os nomes e as palavras, tanto melhor. Digo aos moços que a verdadeira ciência não é a que se incrusta para ornato, mas a que se assimila para nutrição; e que o modo eficaz de mostrar que se possui um processo científico, não é proclamá-lo a todo os instantes, mas aplicá-lo oportunamente.

2- Jean-Paul Sartre, em *As palavras*, fala-nos de uma suposta impressão infantil: "Nada me perturbava mais do que ver meus garranchos trocando pouco a pouco seu brilho de fogos-fátuos pela pálida consistência da matéria: era a realização do imaginário" (p. 90).

Aproximarei esse trecho a um fragmento de outro, de Eduardo Vidal, "Próton pseudos", que afirma: "Há uma esperança do ser falante de que a palavra não minta" (p. 43).

As afirmações acima apontam o investimento do escritor na escrita e o cuidado que se deve ter diante dela. Campo de instável materialidade, a escrita parece escapar como o mercúrio por entre as mãos daqueles que tentam pegá-la. Aspecto bastante problemático quando se afirma que a linguagem, escrita ou falada, é o que se apresenta como possível em nossas operações com a realidade ou com o que nos falta. Nos termos de Lacan: "o que não puder se exprimir numa língua, pois bem, isso não será sentido nem subjetivado" (1992, p. 236). Nessa perspectiva, tudo o que nos restaria seria a superfície do discurso.

A partir das falas de Machado, Sartre e Lacan, eu gostaria de compartilhar com os colegas participantes o olhar do escritor e o do analista sobre o texto.